

EMEF PRÓ-MULHER

**De Associação Pró Mulher à escola,
o sonho de uma à frente de seu tempo.**

Maria Edith Wobeto Carrveta



Escrito por:
Elvira Soares de Oliveira

Bacharel e Licenciada em História | UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

De Associação Pró Mulher à Escola, o sonho de uma mulher à frente de seu tempo

Durante boa parte da história da humanidade, homens e mulheres desempenharam papéis sociais diferentes, cada um exercendo funções tidas como pertinentes ao seu gênero. Vivemos em sociedade e, isso pressupõe expectativas de comportamentos entre os indivíduos e dos indivíduos consigo mesmos. Essas funções determinadas e os padrões comportamentais variam conforme diversos fatores, como classe social, posição na divisão do trabalho, grau de instrução, credo religioso e, sobretudo, segundo gênero. Dessa forma, as questões de gênero dizem respeito às relações sociais e aos papéis sociais desempenhados conforme o sexo do indivíduo, sendo o papel da mulher o mais estudado e discutido dentro desta temática, haja vista que a desigualdade de gênero¹ existente acarreta prejuízo para a figura feminina. Assim, enquanto o sexo da pessoa está ligado ao aspecto biológico, o gênero (masculino ou feminino) enquanto comportamento de identidade trata-se de uma construção cultural, fruto da vida em sociedade. Ou seja, as coisas de menino e de menina, de homem e de mulher, podem variar temporal e historicamente, de cultura em cultura, de acordo com as convenções elaboradas socialmente.

É válido frisar que as diferenças sociais sempre existiram e sempre foram evidenciadas ao longo dos séculos por todos os povos ao redor do mundo. Os ocidentais cristãos associaram à figura feminina ao pecado e à perdição masculina, na Idade Média a figura feminina foi associada à fragilidade humana, sendo relegado à mulher o papel de dependente do homem, fosse pai, irmão, marido, reforçando assim o patriarcado e o machismo ainda muito presentes na atualidade. Desta feita, este modelo em que a mulher é submissa perdurou e perdura em muitas culturas e fez com que as mulheres ao longo da história buscassem em escalas diferentes se colocar como protagonistas e muitas perderam suas vidas neste processo.

Evidentemente, as noções de feminilidade e masculinidade mudam ao longo da história, seguindo as transformações sociais ocorridas em cada grupo humano e o processo de evolução científico, podemos perceber isso na cultura ocidental, berço do capitalismo. Com a industrialização, a mulher assume uma posição como operária nas fábricas, deixando o espaço doméstico e assumindo um novo papel na sociedade. Claro que essas mudanças ocasionaram problemas para estas mulheres, uma vez que o clima das fábricas lhes eram hostis, com um regime de trabalho extenuante, mas foi este

¹ A desigualdade de gênero é um fenômeno social estudado pela sociologia que acontece quando ocorre discriminação e/ou preconceito com outra pessoa por conta de seu gênero.

processo que propiciou a elas uma nova visão sobre seu papel na sociedade e lhes oportunizou várias conquistas sociais através da organização das mesmas.



Imagem disponível na internet.

Opressão e discriminação sempre foram muito presente na vida das mulheres e, com o advento da industrialização essa situação ficou muito mais evidente, o fim do século XIX e início do século XX ficou marcado pelo crescimento do movimento feminista, que foi aos poucos assegurando direitos às mulheres², num processo lento, mas de extrema importância, pois ganharam visibilidade e voz perante a sociedade. Foi uma luta que se arrastou por muitos anos e os direitos foram conquistados de forma lenta e gradual, mas de extrema importância, tendo em vista estarmos inseridos numa sociedade patriarcal e machista, onde a figura feminina sempre esteve em segundo plano. Os avanços sociais, no entanto, não foram o suficiente para acabar com o preconceito e a sensação de inferioridade que era imputado às mulheres, propagandeado nos comerciais do período e reproduzidos em casa.

Somente a partir de 1950 e nas décadas seguintes é que as mudanças fundamentais no papel social da mulher seriam mais perceptíveis. A contracultura, a exemplo do movimento hippie, encabeçado por jovens tidos como transgressores dos padrões estabelecidos, que defendiam uma revolução cultural e a liberação sexual, o que ia de encontro com os tabus existentes em relação à mulher, pois defendiam a

² TILLY, Louise. *Gênero, história das mulheres e história social*. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 30.

liberação sexual e, também o direito ao divórcio³. O desenvolvimento de novas tecnologias passou a requerer cada vez mais o trabalho intelectual em detrimento ao trabalho braçal, abrindo espaços cada vez mais favoráveis para o ingresso da mulher no mercado de trabalho. As muitas mudanças ocorridas ao longo do tempo, permitiram à mulher assumir funções diversificadas, inclusive em áreas predominantemente masculinas. Essa transformação no papel social da mulher reflete não apenas nas relações de trabalho, mas, sobretudo, nas relações sociais com os homens de maneira ampla, o que resultou numa crise de identidade masculina por ter que dividir espaço que antes reinava de forma absoluta.



Arquivo Pessoal da Sra. Maria Edith Wobeto Carrveta. Encontro entre D. Edith Wobeto e o então subprefeito Jucimar Clemente.

Com o advento da industrialização as mulheres tiveram acesso à educação e, conseqüentemente, houve mudanças comportamentais que ampliaram as aspirações femininas. Mesmo assim, ainda é muito recorrente mulheres em situação de dependência masculina e isso se fez muito presente no início da colonização de

³ FEIJÓ, Martin. Cultura e Contracultura: relações entre conformismo e utopia. Revista FACOM, nº 21. 1º semestre de 2009, pp. 04-13.

Tucumã, mulheres que vinham acompanhando seus companheiros que visavam a exploração de ouro e/ou a aquisição de terras para fins agrícolas e que em decorrência das dificuldades passavam meses fora de casa, deixando sobre às mulheres a responsabilidade para com os filhos. Isto despertou a sensibilidade de uma mulher que mesmo de uma classe econômica favorecida, trouxe para si a responsabilidade de amparar e qualificar mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Há uma dúvida se é melhor sermos amados do que temidos, ou vice-versa. Deve-se responder que gostaríamos de ter ambas as coisas, sermos amados e temidos; mas, como é difícil juntar as duas coisas, se tivermos que renunciar a uma delas, é muito mais seguro sermos temidos do que amados... pois, dos homens, em geral, podemos dizer o seguinte: eles são todos teus, oferecem-te seu próprio sangue, suas posses, suas vidas, seus filhos. Isso tudo até o momento que você não tem necessidade. Mas quando você precisar, eles viram as costas.” (GRUPPI, 1.995. In.: DUARTE, 2.003)

O texto extraído do trabalho da historiadora Simone Neves Duarte, que no âmbito de sua pesquisa, retratou a conjuntura política do município de Tucumã e, representa o caráter impessoal que o homem dá a política em oposição à mulher que se utiliza da sensibilidade para perceber nas necessidades e assim, empreende mecanismos capazes de equalizar as disparidades entre as classes sociais que estão em constante embate de forças. Tanto que no dia **vinte e seis de março de 1987**, por iniciativa da **Sra. Maria Edith Wobeto Carravetta** nascia a **Associação Pró-Mulher**⁴, cuja meta era prestar às mulheres um trabalho de conscientização dos seus direitos, a partir de ações que oportunizavam o bem-estar socioeconômico. É importante frisar que a Associação Pró-Mulher, originou-se num momento ímpar da história do município, porque Tucumã ainda era posse da CONSAG, situação que perdurou até 1989, quando as terras foram vendidas para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, que pagou um valor exorbitante à CONSAG, confirmando a influência política que a construtora desfrutava. Tucumã em 1987⁵ não era o projeto elitista e de cunho especulativo elaborado pela CONSAG e nem era um município de fato e de direito, permanecia na inércia de uma vila do imenso município de São Félix do Xingu e cujos administradores pouco podiam e/ou queriam fazer pelo desenvolvimento social da região.

⁴ A Associação Pró Mulher coexistiu com a Escola Pró Mulher, ambas utilizavam o mesmo espaço físico e serviam ao propósito a que foram criados, assegurar educação formal para os alunos e prestar assessoria jurídica e cursos de formação para mulheres inseridas no Projeto Tucumã.

⁵ Na época em que a associação e Escola Pró Mulher foram fundadas, o Sr. Luiz Otávio Montenegro Jorge, exercia a função de agente municipal sendo, pois o representante da prefeitura de São Félix do Xingu.



Arquivo Pessoal da Sra. Maria Edith Wobeto Carrveta. Hotel do Sr. João Cordeiro (o João Cai Cai) que concorreu ao cargo de prefeito na primeira eleição em Tucumã e que sagrou João Roberto da Silva (Beto) o primeiro prefeito de Tucumã.

Tendo chegado ao então Projeto Tucumã em 1984 como procuradora da empresa INCOMAVI/CO - Indústria de Comércio de Mineração e Aviação Industrial e CO⁶ que tinha representação junto a 3.000 garimpeiros existentes na região, assolada pela descoberta de aluviões de ouro no perímetro rural do Projeto Tucumã. Sua sensibilidade, a fez tomar para si a responsabilidade de amenizar tantos problemas por que passavam aquelas pessoas. Famílias esfaceladas pelo sonho do enriquecimento fácil, que ceifou a vida de muitos garimpeiros, mulheres que se viam sem seus companheiros que perseguiram o sonho dourado deixando-as sem perspectivas e com um séquito de filhos para cuidar. Diante do quadro que se desenhava em Tucumã e, principalmente, por ser a senhora Edith uma mulher que trazia em sua alma a feminilidade necessária para abraçar a causa dos menos favorecidos, tomando para si o anseio de dias melhores e a oportunidade de construir um futuro decente para a população.

⁶ Essa indústria atuava na compra do ouro explorado nos garimpos da região e disponibilizava o transporte aéreo, em decorrência da precariedade das, hoje PA – 279, assim como o Projeto Tucumã, a empresa também sucumbiu e fechou.



Arquivo Pessoal da Sra. Maria Edith Wobeto Carravetta. Placa indicando a sede da Associação Pró-Mulher. (fim da década de 1980)

A partir da criação da Associação Pró-Mulher, as mulheres até então abandonadas à mercê da própria sorte encontraram amparo e apoio na solução de questões de primeira necessidade e de promoção social, tais como: assistência médica, odontológica e jurídica, encaminhamentos aos serviços públicos de primeira necessidade. É pertinente lembrar que a associação funcionava com os donativos que recebia de pessoas diversas que viviam na região. Sua função era amparar social, econômica e culturalmente as mulheres, cumprindo aquilo que é dever do Estado e que devido à situação anômala de Tucumã não contava com uma rede de serviço assistencial mínimo para atender essas mulheres.

Mesmo diante das inúmeras dificuldades, o projeto visionário prosperou, chegando a ter legalmente cadastrados 1.730⁷ beneficiários dos programas desenvolvidos no âmbito do projeto. Devido ao caráter guerreiro e responsável de sua idealizadora, a sociedade tucumaense abraçou a causa e imputaram transformações grandiosas na vida de pessoas que dependiam desse apoio para reestruturarem suas

⁷ A Associação Pró Mulher atuou incansavelmente nas ações sociais do período, capacitando mão de obra para o mercado de trabalho; assegurando suporte jurídico aos menos favorecidos economicamente; distribuição de cestas básicas. Todas as ações eram gratuitas e muito contribuíram com a população tucumaense.

vidas numa terra de migrantes e que apresentava a quem via de fora ser uma terra onde imperava a violência e a impessoalidade nas relações.

O respeito adquirido ante a sociedade e sua consciência enquanto cidadã, fez com que em plena floresta Amazônica, numa terra de contrastes onde tínhamos os colonos sulistas de tradição agrícola e os garimpeiros oriundos de diversas partes do país, uma mulher de olhar tenro e de decisões precisas, implementou uma ação talvez simples para ela, mas de grande relevância para aqueles que foram atendidos por ela. Essa associação deu um dos maiores frutos que se pode almejar: em **03 de abril de 1987, foi criada a “Escola Pró-Mulher”**. A ideia da criação da escola partiu da percepção de que o município não dispunha de escolas suficientes para atender toda a demanda e, como a associação tinha como meta a garantia dos direitos mais elementares às mulheres, D. Edith, direcionou os esforços no sentido de construir uma escola que atendesse as crianças menores e com isso as mães podiam trabalhar e ganhar o sustento das famílias, fator determinante para o aumento da autoestima das mulheres que estão em situação de risco social. A escola a princípio atendia a oitenta crianças de educação infantil e tinha como parceria a subprefeitura que pleiteou junto à prefeitura de São Félix do Xingu a contratação de professores. Em um ano de fundação, o número de alunos saltou para quatrocentos, sendo distribuídos entre educação infantil e fundamental menor (1ª a 4ª série do Ensino Fundamental).⁸



Arquivo Pessoal da Sra. Maria Edith Wobeto Carrvetta. Atividade em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, na Escola Pró-Mulher. (fim da década de 1980)

⁸ A E. M. E. F. Pró Mulher hoje é uma escola de grande porte e atende a toda a clientela do Ensino Fundamental, com uma demanda de aproximadamente 950 alunos.

Há que se destacar que a história dessa mulher, que trilhou por caminhos que a tornara uma mulher reconhecidamente valorosa do ponto de vista humano e social, não se resume apenas a criação da Associação Pró-Mulher, que motivou essa pesquisa, mas, sobretudo, é em decorrência de sua aguçada sensibilidade para com os problemas dos outros e com a miséria humana que fez com que ela se envolvesse com outros projetos de cunho educacional e de valor social inestimável para os munícipes. Como a **“Escola Brilho de Luz”**⁹, que atendia a crianças portadoras de necessidades especiais, na qual a Sra. Edith tornou-se a principal educadora, numa demonstração de que a sua condição econômica favorecida não a tornou insensível e orgulhosa. A foto abaixo retrata Dona Edith, como é carinhosamente chamada junto às crianças da instituição, é perceptível alguns rostos conhecidos, nos remetendo a uma reflexão básica: o que nós estamos fazendo pelo outro? Nos bitolamos a esperar do poder público, na ânsia de que todos os problemas sejam solucionados e deixamos de perceber que ações simples podem mudar uma vida:



Arquivo Pessoal da Sra. Maria Edith Wobeto Carrveta. Alunos da Escola Brilho de Luz, desenvolvido pela Associação Pró-Mulher (década de 1990)

Outro projeto encabeçado por D. Edith e que se perdeu ao longo das transformações, foi à escola de corte e costura para mulheres e adolescentes que almejavam uma profissão que as possibilitasse uma mudança de vida, essa escola tinha

⁹ A Escola Brilho de Luz funcionou no setor Morumbi por alguns anos e, posteriormente, fechou e as crianças foram alocadas na APAE, mas para a população da época foi extremamente positiva pois se tratava de uma política de inclusão dos PcD, atualmente uma realidade, mas inédito na época.

o reconhecimento e a parceria do UNICEF, que doou as máquinas de costura. O **“Projeto Mãos de Ouro”** capacitou mulheres no ofício de costura e propiciou a elas nova perspectiva. São projetos audaciosos e que demonstram o caráter responsável e idôneo dessa simpática senhora que no auge de sua plenitude, mesmo dispondo de uma situação econômica bastante confortável, fez da dor e da necessidade de outras mulheres a sua causa. O mais nobre em suas ações é que ela envolvia-se de verdade com os anseios do próximo, tanto que suas filhas Elisiane Wobeto Carravetta e Josélia Wobeto Maschio, assim como seu companheiro de todas as empreitadas (marido de fato e de direito) Sr. Jorge Carneiro também se envolviam em seus projetos, numa prova clara de que suas ações eram muito embasadas e tinha plena convicção de que todas as atividades encaminhavam-se para o desenvolvimento econômico e o progresso intelectual social da clientela atendida.



Arquivo Pessoal da Sra. Maria Edith Wobeto Carravetta. Diretoria da Associação Pró-Mulher. Josélia Wobeto Maschio, Elisiane Carravetta e Aguimar Mendes Duarte/Suzette (década de 1990)

Infelizmente, a inércia econômica que assolou a região com o fim da exploração do ouro e quase extinção da madeira de lei da região acabou fazendo com que muitas pessoas optassem por deixar Tucumã e, D. Edith foi uma dessas pessoas. Deixou Tucumã com destino à Fortaleza, onde permaneceu por dois anos. Nessa época, uma nova diretoria assumiu a Associação Pró-Mulher, a escola já havia sido entregue à administração pública municipal, já com aproximadamente 850 alunos distribuídos entre

Educação Infantil e Ensino Fundamental. Devido à respeitabilidade que a instituição adquiriu, em alusão à sua matriarca, a escola prosperou vindo a se tornar na época a escola modelo do município, tanto que os cursos de formação de professores Gavião I e Gavião II – Magistério em regime especial para formação de professores leigos; os Adicionais de Matemática e Língua Portuguesa – corresponde ao 4º ano do extinto magistério; os cursos de capacitação profissional e encontros de professores passaram a acontecer na Escola Pró-Mulher, denotando a sua relevância para o município.



Arquivo Público- Secretaria Municipal de Administração. Ampliação da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pró-Mulher. (década de 1990)

Sua importância se perpetua para a história deste município e nos remete aos anos 1980 e 1990, quando a preocupação de uma mulher transformou a história de um povo tão miscigenado culturalmente, mas uníssono nas necessidades. A Associação Pró-Mulher não sobreviveu sem sua geradora, provavelmente, porque faltou coração e conhecimento sobre o comportamento humano da parte de quem a sucedeu. O que fica para a história é a alegria demonstrada por uma mulher abastada e que fazia do atendimento aos menos favorecidos uma oportunidade de aprendizado. Dona Maria Edith Wobeto Carravetta é a precursora dos serviços da Assistência Social num período em que não havia sequer a instituição prefeitura e todo o seu aparato. O reconhecimento a essa mulher através dessa obra é ínfimo se tomarmos como base todos os benefícios imputados por ela aos moradores de Tucumã.

Lamentavelmente, as tentativas de reativar a Associação Pró-Mulher resultaram em fracassos imensuráveis. E aqui fica um grifo meu: *“não se pode recriar a atmosfera social, cultural e econômica de Tucumã das décadas de 1980 e 1990 e, sobretudo, um fenômeno não acontece duas vezes. Dona Edith é mais que uma mulher visionária, ela é o exemplo vivo de que o ser humano deu certo.”* Fica aqui gravada a história daquela que veio para ampliar sua riqueza e, ampliou as chances de inúmeras famílias que encontraram em suas ações apoio e alento nas dificuldades.



Fachada atual da EMEF Pró-Mulher. Imagem disponível na internet.

O município de Tucumã foi agraciado com mulheres que tinham um plano traçado por Deus e que o colocaram em prática de forma brilhante, nada apaga a história escrita por essa mulher que colocou seu amor ao próximo à frente de tudo e investiu numa sociedade miscigenada que se formava naquilo que viria a ser o município de Tucumã. D. Edith sempre usou sua autonomia econômica em favor daqueles que a ela

recorriam, é visível nas ações dela a importância da emancipação feminina, assumiu o papel de protagonista de uma sociedade que estava em formação, com um trabalho voltado essencialmente para a emancipação da mulher. Mostrou que a visão deturpada de inferioridade da mulher diante da figura masculina nos diferentes âmbitos da vida social não condizia com sua coragem de lutar por equidade social.



Imagem disponível na internet.







No contexto atual muitas vitórias foram conquistadas pela mulher, pautas relacionadas ao empoderamento e inserção da mulher de forma plena no espaço democrático da sociedade, haja vista que enfrentam problemas quanto à efetivação da proteção jurídica que lhes é conferida e pelo fato de que parte da população ainda não as reconhece como sujeitos de direito, contribuindo assim para que não recebam o

tratamento que lhes é assegurado constitucionalmente. O trabalho da D. Edith no início da formação do município de Tucumã foi de extrema importância e permitiu a independência de inúmeras mulheres, hoje decorridas décadas desde seu pioneirismo ainda estamos muito aquém da plenitude de direitos das mulheres, mas sua história e trajetória são exemplos para todos.

Elvira Soares de Oliveira, é bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Pará – UFPA.